



O MITO, O IMAGINÁRIO E O ABSURDO NA OBRA DE ALBERT CAMUS

Maria Clara Dunck Santos¹

RESUMO: O presente artigo apresenta as conclusões de um estudo que teve como objetivo identificar os mitos, os símbolos e a filosofia que permeia a obra do escritor argelino de expressão francesa Albert Camus. Buscou-se também compreender o que é a literatura do absurdo e de que forma o tema da revolta contribuiu para o desenvolvimento desse movimento filosófico-literário, que tem como precursores o romancista Franz Kafka e os dramaturgos Eugène Ionesco e Samuel Beckett.

Palavras-chave: Camus, existencialismo, mito, imaginário, absurdo.

Segundo a mitologia grega, Sísifo, filho de Éolo, pertencente à raça de Deucalião, foi condenado pelos deuses a rolar uma pedra até o alto de uma montanha, sem cessar, de onde voltaria a cair, arrastada pelo próprio peso, infinitas vezes (GRIMAL, 1998, p. 60). Para Albert Camus (1913-1960), escritor argelino de expressão francesa, este trabalho inútil e sem esperança é símbolo do destino do homem absurdo: aquele que tem consciência da própria solidão e, não acreditando em nada que o transcenda, aposta apenas na vivência em um mundo perecível em que busca um significado para o ato de estar vivo. E o que sente e pensa esse homem?

Uma possível resposta que poderia traçar o perfil desse homem é oferecida pela moderna filosofia existencialista, inicialmente proposta por Søren Kierkegaard (1813-1855), importante filósofo dinamarquês, mas amplamente aprofundada por Jean-Paul Sartre (1905-1980), filósofo francês engajado nas causas políticas e que, assim como Camus, apostou na literatura para contextualizar suas ideias. Para Sartre, tudo parte da questão de que a existência do homem precede a essência e, através da liberdade, ele possui a capacidade de produzir a si mesmo, construindo seu próprio destino.

Em *O existencialismo é um humanismo*, Sartre afirma que “[o] homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo” (1978, p. 6). Ele declara que, ao contrário de um objeto que é pensado pelo homem a partir de uma utilização definida antes de sua criação, o ser humano que não admite a existência de um ser superior que o tenha criado, primeiro se percebe homem e depois busca conceituar-se. Portanto, a existência precede a essência.

¹ Graduanda em Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia. E-mail: mdunck@hotmail.com

Mas, para o existencialismo, mesmo sendo dotado de liberdade, o homem não goza de uma satisfação de espírito. Há certo incômodo no que diz respeito às escolhas por ele realizadas, em virtude da carga de responsabilidade de suas ações, de suas dúvidas e das possíveis consequências que lhe são impostas. Em síntese, a liberdade que possui gera nesse homem uma profunda angústia existencial.

Firmada como uma diferente ideia de humanismo, essa ética existencialista tornou-se a teoria sociofilosófica das literaturas do primeiro e do segundo pós-guerra, teoria essa desenvolvida por autores renomados como o romancista Franz Kafka (1883-1924) e os dramaturgos Samuel Beckett (1906-1969) e Eugène Ionesco (1909-1994). A indisposição, característica de povos assolados pela guerra, foi estudada e tida como justificativa genuína do pessimismo e da desesperança que essa literatura revela. Em plena Segunda Guerra Mundial, Camus escreveu, por exemplo, o romance *O estrangeiro* e o ensaio *O mito de Sísifo*, ambos de 1942, no auge da ocupação nazista em terras francesas, e a peça *O Equívoco*, de 1943. Segundo Roland Barthes, *O estrangeiro* é o primeiro romance clássico do que chamou de literatura do pós-guerra.

As principais características da chamada literatura do absurdo aparecem envoltas num individualismo exagerado em que a ideia de livre-arbítrio exemplifica a ideia da vida como uma série de escolhas. As decisões que o homem pode ou não tomar, são recheadas de consequências negativas e, simplesmente, há coisas absurdas (algo que acontece e não deveria acontecer) e irracionais (sem explicação), e ele, ao assumir sua carga de responsabilidade, deve seguir sua inclinação até o fim.

Se na tradição racionalista o homem era colocado no centro de uma ordem social equilibrada, na literatura do absurdo o homem é tido como um indivíduo solitário, destituído de qualquer moral, já que não mais existe uma ordem eficaz na qual ele possa se inserir, e a angústia de não saber como proceder nem para onde ir o assola sempre. Portanto, as personagens da literatura do absurdo enfrentam um mundo no qual nada tem valor ou sentido, o que as leva a situações incompreensíveis em que não se acha saída.

Para explicitar sua filosofia, Camus utiliza-se da arte, criando personagens a partir das observações que faz do homem real. Ele trabalha mediante a crença de que somente partindo do particular para o universal, sem a pretensão de criar teorias e verdades absolutas, o filósofo pode se fazer entender: “[a] ficção aparece como o suporte concreto do pensamento abstrato” (BARRETO, 1997, p. 144).

A história de Sísifo, conforme é relatada na tradição grega, é uma narrativa mítica que apresenta características próprias desse tipo de texto. Camus utilizou o simbolismo nela contido para produzir outro tipo de discurso – o filosófico. Uma diferença essencial separa os dois tipos de relato: o relato mítico é assertivo e dogmático; o filosófico caracteriza-se pela indagação e pela dúvida. Por seu turno,

as narrativas ficcionais de Camus têm características da literatura do absurdo, com suporte numa visão filosófica e não mítica da existência.

O estudo integrado da mitologia, da simbologia, do imaginário, da filosofia e da literatura do absurdo serve de suporte para análise da obra de Camus. *O mito de Sísifo* permeia o desenvolvimento deste estudo e com base em teóricos cujas ideias são pertinentes ao assunto aqui abordado. Cabe ainda destacar que as percepções pessoais formam mais uma fonte de pesquisa e estudo a respeito de um dos mais importantes autores de nosso tempo, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1957 e humanista que defendeu o direito à vida, o que até a suposta salvação esquerdista não fez nos tempos dos regimes totalitários. Camus foi o único intelectual que advertiu o mundo a respeito da bomba atômica dois dias antes do ataque de Hiroshima. Ele lutou contra o suicídio e o homicídio, contra a indiferença do mundo e contra seu próprio desespero, sua angústia e sua vontade de viver intensamente a vida.

Trabalhar um dos autores mais importantes do século XX faz com que o arsenal de possibilidades de pesquisa seja vasto. Muitos já se debruçaram sobre a obra de Camus, mas ele ainda é uma personalidade pouco conhecida, se comparado a outros autores de sua época, sobretudo os chamados existencialistas. Camus não se situa no cânone literário, e isso se deve, principalmente, pela publicação do ensaio *O homem revoltado*, em 1951, em que critica os regimes totalitários, atribuindo a eles uma carga de culpa pela violência de sua época, o que lhe rendeu muitos problemas, entre eles, o fim de sua amizade com Sartre e as contínuas críticas pejorativas do ex-amigo a seu trabalho. Some-se a isso o fato de muitas críticas, análises e outros trabalhos acadêmicos realizados sobre esse grande autor de nosso tempo não terem sido publicados.

Chama a atenção, quando se pesquisa a respeito de Camus, o fato de se encontrar trabalhos desenvolvidos apenas sob a ótica filosófica, e não literária. Não se pode descartar esse importante viés de estudo, pois “[p]ara Camus a ficção foi o meio utilizado para expressar a relação absurda encontrada entre o homem e os mecanismos sociais” (BARETTO, 1997, p. 143). Camus chegou a escrever “[...] que se alguém desejasse ser filósofo deveria escrever romances [...]” pois eles são “[...] escritos para demonstrar alguma coisa, nem que seja o absurdo da existência humana [...]” (BARRETO, 1997, p. 144).

I. O MITO

No que concernem os mitos presentes na obra de Camus, cabe esclarecer a nova roupagem que assumem, já que têm relação com o homem moderno e não mais com sociedades primitivas ou arcaicas. Destaca-se na sua obra o mito do “Deus está morto” num enfoque antropológico e não teológico. Segundo esse ponto de

vista, o homem não possui mais uma consciência religiosa com bases morais, psicológicas e emocionais, tampouco vive em busca de uma transcendência.

Raphael Patai (1972, p. 149) relata que o mito do “Deus está morto” se manifestou inicialmente na Grécia Antiga, com a morte do deus Pã, que “[p]sicologicamente, [...] tinha por efeito reforçar a proximidade, a estreita relação entre deus e o homem”. O fato de essa concepção ter origem na Antiguidade e perpassar alguns mitos de religiões antigas de um Oriente próximo, atesta que, ao contrário do que muito se pensa, não foi o famoso filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) que criou o mito do “Deus está morto”, mas quem lhe deu grande relevância: “Contrariamente ao que pensam alguns de seus críticos cristãos, Nietzsche não meditou o projeto de matar Deus. Ele o encontrou morto na alma de seu tempo” (CAMUS, 2005a, p. 89).

Em *A Gaia Ciência*, Nietzsche (2002, p. 154) expõe seu pensamento de forma clara:

Deus está morto. Nós o matamos. [...] Como nos consolar, nós, os assassinos dos assassinos? Aquilo que o mundo possuía até agora de mais sagrado e de mais poderoso perdeu seu sangue sob nossos punhais. [...] Quem quer que nasça depois de nós pertencerá, em virtude dessa mesma ação, a uma história superior a tudo o que foi história até agora!

O que Nietzsche e outros estudiosos pensam a esse respeito é que, com a ajuda da ciência, da metafísica e das consequências desastrosas das grandes guerras mundiais, além da ideia de um mundo abandonado por Deus, acreditou-se que o Todo-Poderoso só poderia estar morto. O filósofo alemão baseou-se no fato de que o homem o matou, pois foi ele mesmo quem o criou. Há ainda a ideia de alguns teólogos, de que aquele que dissemina essa ideia matou Deus dentro de si mesmo. Tais justificativas, de forma direta ou indireta, contribuíram para a formação de filosofias modernas, como o niilismo e o existencialismo.

No que concerne à filosofia desenvolvida por Camus em sua ficção, mesmo que ele não se considere niilista ou existencialista, existem marcas dessa concepção da morte de Deus, principalmente ao negar que existe uma transcendência: “Neste mundo liberado de Deus e das idéias morais, o homem se acha atualmente sozinho e sem senhor” (CAMUS, 2005b, p. 91). Não que Camus pregue uma filosofia ateuista, mas, para ele, crer em Deus dá sentido a algo que ele julga sem sentido – a vida –, pois é assim, absurda, que ela se apresenta: “[o]u não somos livres e o responsável pelo mal é Deus todo-poderoso, ou somos livres e responsáveis, mas Deus não é todo-poderoso” (CAMUS, 2005b, p. 68).

As personagens de Camus demonstram indiferença acerca dos acontecimentos ocorridos ao seu redor – tanto no que se refere ao sentimento amoroso quanto no que diz respeito à morte de pessoas próximas, ao sofrimento ou ao seu próprio infortúnio –, o que indica uma descrença, uma não preocupação

com a hipótese de que essa vida seja uma espécie de preparação para outra, como prega o cristianismo. Para Camus, ao admitir a existência do absurdo, o homem vive sua vida, tentando combatê-lo, isso sem a adoção de qualquer espécie de moralidade ou crença, porque, se ele optar por alguma delas, estará sob o jugo de leis e não será mais livre.

Em *A peste*, o médico Rieux não acredita em Deus. E quando questionado pela sua falta de fé, diz

[...] que já respondera e que, se acreditasse num Deus todo-poderoso, deixaria de curar os homens, deixando a ele esse cuidado. Mas que ninguém no mundo, não, nem mesmo Paneloux, que julgava acreditar, acreditava num Deus desse gênero, já que ninguém se entregava totalmente, e que nisso ao menos ele, Rieux, julgava estar no caminho da verdade, lutando contra a criação tal como ela era.

– No momento, há doentes e é preciso curá-los. (CAMUS, 1947, p.112).

Em *O estrangeiro*, já preso e condenado pelo crime de assassinato, Mersault enfim recebe a visita de um capelão após o ter recusado três vezes. Ao ser questionado por isso, diz com toda a sua indiferença: “Respondi que não acreditava em Deus. Quis saber se tinha certeza disso e eu respondi que não valia a pena fazer-me tal pergunta: parecia-me sem importância” (CAMUS, 1995b, p. 116).

Feita a leitura da obra de Camus, e do que escrevem autores a ele contemporâneos como Nietzsche, Sartre e Kafka, é perceptível que a atmosfera de seus escritos é perpassada pelo mito do “Deus está morto”.

II. O IMAGINÁRIO

O imaginário, segundo Sartre (1978), aparece na literatura em razão do domínio que o homem tem de criar imagens e de sua liberdade absoluta de criação. Para ele, a liberdade pura da consciência é invadida e povoada pelo objeto material, mas no exercício da imaginação permanece aquilo que é totalmente livre. Portanto, Sartre defende a ideia de que o ofício último da arte consiste em dar aos homens a raiz da liberdade criadora, como escreve em *O imaginário*.

Estudar o imaginário e os arquétipos na obra literária é importante para se entender a origem e a significação mais profunda dos elementos narrativos utilizados pelo autor. Essa escolha, que não é arbitrária, esconde peculiaridades que podem ser analisados sob a égide do estudo investigativo dos símbolos.

Em relação ao estudo do imaginário da obra de Camus, torna-se relevante observar de que forma as personagens camusianas são afetadas por elementos

recorrentes em sua obra. No ápice da trama de *O estrangeiro*, temos a personagem Mersault, que se encontra na praia:

Pensei que bastava dar meia-volta e tudo estaria acabado. Mas, atrás de mim, comprimia-se toda uma praia vibrante de sol. [...] A ardência do sol ganhava-me as faces e senti gotas de suor se acumularem nas minhas sobrancelhas. [...] Mas dei um passo, um só passo à frente. E, desta vez, sem se levantar, o árabe tirou a faca, que ele me exibiu ao sol. A luz brilhou no aço e era como se uma longa lâmina fulgurante me atingisse na testa. No mesmo momento, o suor acumulado nas sobrancelhas correu de repente pelas pálpebras, recobrando-as com um véu morno e espesso. [...] Foi, então, que tudo vacilou [...]. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho, ao mesmo tempo seco e ensurdecedor, que tudo começou. Sacudi o suor e o sol” (CAMUS, 1995b, p. 63)

Em *O avesso e o direito*:

[p]ara corrigir uma indiferença natural, fui colocado a meio caminho entre a miséria e o sol. A miséria impediu-me de acreditar que tudo vai bem sob o sol e na história; o sol ensinou-me que a história não é tudo. (CAMUS, 1995a, p. 18).

No romance *Núpcias*: “[e]m seu céu, mesclado de lágrimas e de sol, aprendi a submeter-me à terra e a deixar-me abrasar na chama sombria de seus festejos” (CAMUS, [19--], p. 50). E em *A queda*: “Mas suas reflexões, e também o sol, haviam feito com que saísse um pouso do seu estado normal” (CAMUS, 1997, p. 94).

Percebe-se, pelos excertos, que o sol é um elemento recorrente. Como uma volta à pátria Argélia, o autor coloca a miséria e o sol como entidades que influenciaram a sua formação artística. Camus relaciona o sol (uma imagem sensorial) à morte (algo inevitável) quando trabalha a ideia do absurdo. Pinto (2007) fala de pensamento solar, se referindo à visita que Camus fez ao Brasil em 1949, em que revive “sentimentos e paisagens de sua experiência mediterrânea” (p. 28).

III. O ABSURDO

O estudo do absurdo é a questão-chave deste estudo. Camus trabalhou toda a sua vida buscando compreender o absurdo e lutar contra ele. Nenhum autor de ficção trabalhou com esse tema tantas vezes e sob formas tão variadas. São romances, peças de teatro, contos, ensaios etc., que expressam a consciência e a angústia do ser humano diante daquilo que o humaniza e o esmaga, de forma

inevitável, mas, segundo o próprio Camus, combatível. Se o absurdo é mesmo uma das marcas que representam a contemporaneidade, e é o pilar mais importante da obra de um dos autores mais representativos do século XX, se faz imprescindível um estudo mais acurado.

O absurdo, na obra de Camus, é o ponto de partida e ponto de chegada de sua reflexão filosófica. Com personagens indiferentes ao mundo e às outras pessoas, cenários carregados de rumores trágicos do passado, tramas indissolúveis e episódios fatídicos, o autor preocupou-se em trabalhar o tema sob diversas formas.

Martin Esslin (1968, p. 19) conceitua o que, para ele, é o absurdo:

[...] parece ser a atitude que mais autenticamente represente nosso próprio tempo. A principal característica dessa atitude é a da sensação de que as certezas e pressupostos básicos e inabaláveis de épocas anteriores desapareceram, foram experimentados e constatados como falhos, foram desacreditados e são agora considerados como ilusões baratas e um tanto infantis.

Em *O mito de Sísifo*, Camus (2005b, p. 20) dá uma idéia exata daquilo que ele entende como absurdo:

[q]ual é então o sentimento incalculável que priva o espírito do sono necessário para a vida? Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está povoado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do Absurdo.

Camus trabalha todo o ensaio com autores existencialistas para depois contradizê-los propositalmente. Estudiosos não poucas vezes chamam Camus de existencialista e é ele mesmo quem faz a recusa dessa nomenclatura, pois afirma e atesta em toda sua obra que se dedica mais à questão do absurdo e da revolta, em que o homem devia recusar os pensamentos irracionais e não apenas ter consciência do abandono, da solidão e da ausência de Deus, sem atitudes motivadoras.

Nesse longo ensaio Camus diz que “começar a pensar é começar a ser atormentado [...] pois cultivamos o hábito de viver antes de pensar” (p. 8). Um belo dia o homem se dá conta que vive uma vida maquinal, pois se sente cansado da rotina que leva e vem o assombro por tal constatação. Ele se conscientiza, se desperta, e tem de escolher entre continuar sua vida maquinal ou se libertar: o restabelecimento ou o suicídio. O suicídio de que Camus fala é o suicídio filosófico,

que segundo ele, são cometidos por existencialistas como Heidegger, Jaspers, Shestov, Kierkegaard e Husserl, dos quais chamou seus pensamentos de irracionais ou religiosos, pois aceitam o absurdo como uma verdade sem se revoltarem contra ela: “Como não perceber o parentesco profundo entre esses espíritos? Como não ver que eles se agrupam em torno de um espaço privilegiado e amargo onde a esperança não tem lugar?” (p. 40). Para Camus, se não há esperança não pode haver o absurdo, pois perdidas as esperanças o homem se suicida e sem o homem não há o sentimento do absurdo. É aí que se encontra a maior contradição dos filósofos existencialistas para Camus: “O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois. (p. 35)”.

O sentimento do absurdo também se revela quando o homem passa a reconhecer o tempo como seu inimigo e não mais projeta todas as suas forças no que virá: “O amanhã, ele ansiava o amanhã quando tudo em si deveria rejeitá-lo. Essa revolta da carne é o absurdo” (CAMUS, 2005b, p. 28). Em *A morte feliz*, Mersault espera que sua felicidade se engendre no dinheiro que roubou de Zagreus, após matá-lo. Mas o amanhã, que tanto ansiava, se transforma numa espera dolorida para a morte:

Uma terrível suavidade vinha-lhe à boca, diante de tanto abandono e solidão. Por sentir-se tão longe de tudo e até mesmo de sua febre, por experimentar tão claramente o que há de absurdo e de miserável no âmago das vidas mais ordenadas, nesse quarto, erguia-se diante dele a imagem vergonhosa e secreta de uma espécie de liberdade que nasce da dúvida e da fraude. (CAMUS, 1971, p. 62).

Todo homem deseja a felicidade e a razão: o absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo. “[o] irracional, a nostalgia humana e o absurdo surgem de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz” (CAMUS, 2005b, p. 41).

Apesar de toda sua obra engendrar-se no absurdo, no sentimento do absurdo e no homem absurdo, diante de toda sua indiferença e melancolia, Camus acha que o mais importante não está na constatação dessa característica da vida. Por isso, ele condena as teorias existencialistas, alegando que elas caem no que chama de nihilismo ético e numa violência revolucionária. Se não há esperança, não pode haver o absurdo, pois, quando perdida a esperança, o homem se suicida e sem o homem não há o sentimento do absurdo. É aí que se encontra a maior contradição dos filósofos existencialistas, segundo Camus (2005b, p. 35): “[o] absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois”.

Em *O homem revoltado*, Camus (2005a) estuda a revolta e a revolução contra o absurdo, em que a segunda não deve ser usada a qualquer custo, pois não considera que os fins justificam os meios: “Os pensamentos que pretendem

conduzir nosso mundo em nome da revolução tornaram-se na realidade ideologias de consentimento, não de revolta. Eis por que nosso tempo é a era das técnicas privadas e públicas de aniquilação” (CAMUS, 2005a, p. 287). Enquanto *O mito de Sísifo* fala da morte voluntária, *O homem revoltado* fala da morte imposta aos outros. Da mesma maneira que o suicídio nega a liberdade, pois acaba com a possibilidade de escolhas futuras, a morte imposta aos outros como forma de revolução nega também esse direito. A revolução violenta também é o absurdo:

[h]á crimes de paixão e crimes de lógica. O código penal distingue um do outro, bastante comodamente, pela premeditação. Estamos na época da premeditação e do crime perfeito. Nossos criminosos não são mais aquelas crianças desarmadas que invocam a desculpa do amor. São, ao contrário, adultos, e seu álibi é irrefutável: a filosofia pode servir para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juízes. (CAMUS, 2005a, p. 13).

A partir da obra de Camus, a literatura do absurdo deixou de ser vista apenas sob o viés do pessimismo e da desesperança. Instigando os homens a se revoltarem contra o absurdo, o autor concedeu um sopro de vida em tempo de catástrofes: “A reivindicação da revolta é a unidade, a reivindicação da revolução histórica, a totalidade. [...] A revolução histórica obriga-se a agir sempre na esperança, incessantemente decepcionada, de um dia existir (CAMUS, 2005a, p. 288). Ao contrário do que se prega nas políticas totalitaristas, a filosofia camusiana não se prende a uma ideologia, muito pelo contrário, ela parte da realidade para desmascarar a violência que se apoia na ilusão. Por fim, as palavras de Francis (apud ESSLIN, 1968, p. 8) corroboram as de Camus: “[o] absurdo é, quando muito, um meio, nunca um fim, nunca um objetivo a ser alcançado pela espécie humana, a menos que a última tenha desistido de sobreviver”.

Do contato com a obra de Camus, imediatamente descobrem-se os elementos que se sobressaem em sua ficção, quais sejam, o absurdo e a revolta. Ao exercitar sua filosofia, Camus leva consigo o leitor que, pouco a pouco, apreende as intenções do texto literário, pois “[o]s textos literários sempre se relacionam com os contextos; é por esta relação que o texto alcança sentido concreto de sua estruturação, ou seja, o sentido concreto de seu uso” (ISER, 2002, p. 940). Convém reiterar, para o escritor argelino, que o contexto em que vive, traça um roteiro marcante em sua vida.

A miséria, a fome, a intolerância, a morte prematura do pai, as perseguições, e as calamidades ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial, obrigam-no a lutar pela sobrevivência desde a infância. Posteriormente, as dificuldades financeiras e de saúde fazem com que valorize suas poucas chances de desenvolvimento intelectual, dedicando-se avidamente aos estudos. Amadurecido, a percepção da irracionalidade do mundo em que vive desperta a necessidade de compreensão da existência humana. Quando o dogma religioso não atende às suas expectativas, ele

se dá conta de que não pode confiar na espera de uma transcendência como forma de suportar os absurdos da vida. É por essa razão que, em tal contexto, o comunismo foi apontado como um caminho viável para combater a ocupação nazista, caminho seguido por Camus durante um pequeno espaço de tempo.

Porém, quando a busca pela liberdade sufoca a vida, de que adianta lutar por uma contradição em que uma violência é substituída por outra? Camus, portanto, busca na forma de viver livre, intensa e responsabilmente, o modo pelo qual se alcança a felicidade e é isso o que confunde sua vida e sua obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETTO, Vicente. *Camus: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1997. 213 p.

CAMUS, Albert. *A morte feliz*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1971. 147 p.

CAMUS, Albert. *A peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CAMUS, Albert. *A queda*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CAMUS, Albert. *Núpcias, o verão*. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Círculo do Livro, [19--]. 140 p.

CAMUS, Albert. *O avesso e o direito*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1995a.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1995b.

CAMUS, Albert. *Calígula/O Equívoco*. Tradução Raul de Carvalho. Lisboa: Editora Livros do Brasil, 2002.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2005a.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2005b.

ESSLIN, Martin. *O teatro do absurdo*. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ISER, Wolfgang. Problemas da teoria da literatura atual: o imaginário e os conceitos-chave da época. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. v. 2. Tradução de Luis Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 927-951.

NIETZSCHE, Freidrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. São Paulo: Abril, 1978. (Os pensadores).

PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1974.

PINTO, Manuel da Costa. O mediterrâneo é aqui. *Entrelivros*, São Paulo, v. 26, p. 28-31 Jun. 2007.

MYTH, IMAGINARY AND ABSURD IN ALBERT CAMUS

ABSTRACT: This article presents the conclusions of a study about myth, symbols and philosophy in the literature by Albert Camus, an Algerian writer biased by the French. On the other side, it investigated what the absurd literature is and how the theme of revolt contributed to the development of the philosophic-literary movement, which has the novelist Franz Kafka and the playwrights Eugène Ionesco and Samuel Beckett as its pioneers.

Keywords: Camus, existentialism, myth, imaginary, absurd.

Recebido em 19 de julho de 2009; aprovado em 23 de agosto de 2009.